



Aaron Fischer

Carlos Sotto Mayor

cap .14

Aaron Fischer



CAPÍTULO 14

SURPRESAS E MAIS SURPRESAS

Aaron começou a ouvir folhas e galhos sendo partidos, o som amedrontador de vários animais de grande porte se aproximando a toda velocidade pela floresta junto com latidos e rosnados, que fizeram seus pelos se arrepiarem. Assim que Grymm percebeu que atraíra a atenção que queria, jogou o filhote de fenric para longe e falou:

— Preparem-se. Krank, nos coloque para cima.

Imediatamente, um grandalhão, que agora Aaron conseguia ver devido à claridade do Sol, deu um pisão no chão de terra, que começou a se elevar sob os pés do seu grupo, formando uma espécie de platô circular com cerca de oito metros de altura. Ele os colocava fora do alcance dos animais que se aproximavam.

— Foda-se essa merda! – O garoto dos olhos negros saiu do esconderijo em direção a Grymm e seu grupo, cruzando os braços para sacar as duas armas cromadas na sua cintura mas, antes que pudesse sair disparando por aí ou o que fosse que aquelas armas fizessem, Gent o puxou pelo ombro para dentro do esconderijo mais uma vez.

— Escutem-me! Ainda podemos sair dessa!

— Como? É impossível escapar dos curupiras nessa ilha. – O garoto dos olhos negros estava cético.

— Nem os curupiras ou os fenrics ousam chegar muito perto do farol e do lago por causa da hidra. – Gent estava focado, sua cabeça

funcionando à todo vapor.

— Certo, mas nós nunca chegaríamos até lá com a quantidade de fenrics e curupiras que está prestes a chegar aqui. — Já o garoto dos olhos negros se mostrava impaciente, ansioso para atacar o grupo inimigo.

— Eu sei e é por isso que nós faremos dos nossos amiguinhos ali — ele apontou para o relevo recém-criado — uma distração. Se eu não estiver errado, essas são armas de fogo, correto?

— São. — O novato parecia orgulhoso dos seus revólveres.

— Ótimo, pois nós iremos precisar delas para nos dar cobertura.

Eles esperaram a matilha inteira de fenrics chegar até o local. Os animais pularam por cima dos arbustos em que eles estavam escondidos, indo direto até Grymm e seu grupo, cercando o pequeno planalto por todos os lados, tentando, sem sucesso, escalá-lo, os rosnados e latidos preenchiam o amanhecer com um tremor aterrorizante.

Ao vivo, os fenrics eram ainda mais assustadores do que Gennis descrevera. Bem resumidamente, eles eram sim lobos negros do tamanho de ursos. Mas não era só isso. Suas mandíbulas eram anormalmente grandes, assim como seus dentes. Seu torso era extremamente grosso e musculoso e suas patas dianteiras eram mais longas que as traseiras. Tudo isso lhes dava uma aparência pré-histórica. Os olhos eram amarelos vivos e sua pelagem, mesmo com a claridade do começo da manhã, tornava difícil diferenciar um animal do outro, mais pareciam uma única massa negra e caótica.

Aaron sabia que eles não tinham muito tempo até que alguma daquelas criaturas assustadoras sentisse o cheiro deles vindo dos arbustos

e fosse bisbilhotar o porquê de o arbusto cheirar a carne, mas eles tinham que esperar os gnomos curupiras chegarem. A tensão entre eles era palpável. Aquelas mandíbulas pareciam capazes de decepar membros em uma única mordida. Finalmente, os gnomos curupiras apareceram, como que surgidos do nada. Os galhos das árvores pareceram entrar em combustão instantânea. Seus cabelos de fogo e a cor da sua pele se mesclavam perfeitamente com a vegetação, dando a impressão de ser tratar de um incêndio de verdade.

Aaron demorou um pouco até conseguir distinguir uma das pequenas criaturas das demais. Eles deviam ter menos de um metro, com bocas enormes e sem lábios, deixando seus dentes imensos à mostra. Pareciam sorrir o tempo todo, mas isso só os deixava ainda mais assustadores. Seus olhos eram enormes, sem pálpebras ou íris, sendo inteiramente de uma cor mas variando de um para o outro. A maioria carregava armas feitas de pedra e madeira: lanças, arcos e flechas, facas e punhais. Todos olhavam para o grupo em cima do totem criado por Krank porém Aaron sentia que alguns já haviam percebido a presença dele e dos seus amigos.

— AGORA!!! — Assim que Gent gritou, todos saíram do seu esconderijo juntos. O garoto dos olhos negros sacou suas armas e começou a atirar em uma rápida sucessão de estampidos.

Krank conseguiu perceber o ataque a tempo de levantar uma barreira de pedra para proteger seu grupo dos tiros, mas os projéteis furaram a barreira como se fosse feita de papel, atingindo seus alvos. Imediatamente, o mal-estar gerado por Grymm e seu poder nos garotos aumentou, tornado quase impossível se concentrar na luta. Grymm parecia estar usando seu poder não só neles, mas nos animais e nos gnomos também, os agitando ainda mais. A atenção

das criaturas estava dividida entre os dois grupos.

— KVIN!!! – Gent estava nervoso, esperando Kvin fazer sua parte do plano. Eles não tinham muito tempo até serem atacados.

Assim que o Gent parou de gritar, Aaron sentiu a temperatura abaixar rapidamente, dificultando a respiração, antes de Kvin bater seu pé com força no chão, fazendo uma estaca enorme de gelo, com cerca de doze metros, emergir, destruindo completamente o planalto de pedra criado por Krank, e mandar seu grupo voando para todos os lados junto com rochas e alguns fenrics. Os animais e curupiras começaram a correr para fugir da chuva de pedra causada pela destruição do relevo e Aaron e seus amigos aproveitaram a confusão generalizada para tentarem a corrida em direção ao farol da ilha.

A esperança deles era saírem sem serem notados, mas sabiam que aquilo era quase impossível, e esperavam que uma quantidade pequena de criaturas os seguisse. Aaron não tirava o olho de Aurea, preocupado que ela desmaiasse, mas a adrenalina parecia ter lhe dado a energia necessária. No entanto, Gent ficou para trás ao tropeçar em uma raiz. Ele era o último da fila e o único a notar sua falta no desespero do momento foi Aaron.

Gent caíra de cara entre as raízes de uma das árvores gigantes da ilha e se arrastou, de modo que ficasse com as costas apoiadas contra elas, saindo do campo de visão de Aaron, que corria para ajudá-lo. Antes que pudesse chegar até seu amigo, ele viu um fenric romper a mata, com um curupira em suas costas, brandindo uma lança. O animal não hesitou pulando em direção a Gent com a enorme mandíbula aberta. Daquela distância não havia nada que Aaron pudesse fazer a não ser assistir o animal acertar o alvo e permanecer ali, com seu

enorme dorso à vista, estranhamente estático.

Aaron usou toda a sua velocidade e força para chegar até a criatura o mais rápido que conseguiu, acertando com os dois pés em uma voadora, que mandou a besta e o curupira voando até atingir uma árvore com força. Aaron se virou, esperando encontrar seu amigo com metade do pescoço arrancado e ensopado de sangue, mas, para sua surpresa, Gent estava inteiro, com os olhos esbugalhados de medo.

Sem tempo para perguntar como Gent ainda estava vivo, Aaron o levantou, fazendo-o voltar a correr com tudo que podia. O filho do Lobo se virou para ver se ainda havia algo os perseguindo e foi surpreendido por várias chamas pulando entre as árvores. Dois dos curupiras já estavam perto demais e o atacaram antes que conseguissem voltar a escapar. Um carregava uma lança e tinha os olhos vermelhos como sangue e o outro carregava um machado e possuía olhos amarelos.

Aaron conseguiu se defender com dificuldade dos dois ataques. A força e a velocidade daquelas pequenas criaturas eram impressionantes. Os dois juntos não estavam lhe dando oportunidades para que ele recomeçasse a sua fuga. Aaron precisava resolver aquilo rápido, antes que mais criaturas os alcançassem. Ele desviou de uma estocada do curupira de olhos vermelhos, que deixou sua lança ao alcance de suas mãos por mais tempo do que deveria. Aaron aproveitou a oportunidade para pegá-la pelo fim do cabo e lançar a pequena criatura longe, enquanto arremessava a sua machadinha contra o outro gnomo, que conseguiu desviar do ataque, pulando a uma altura surpreendente. Sem parar, Aaron pegou a lança recém-tomada e jogou contra o curupira, que mesmo no ar conseguiu

desviar do golpe, aterrissando com destreza no chão onde estivera a poucos segundos atrás. A criatura avançou, estalando sua mandíbula desproporcionalmente grande, emitindo sons intimidadores.

Aaron posicionou a sua mão direita na linha da cabeça do gnomo e energizou a rocha em sua pulseira, fazendo a machadinha retornar com velocidade, pegando o curupira desprevenido, o derrubando antes que chegasse até Aaron. Ele voltou a correr sem olhar para trás, nem parar para checar a saúde da criatura, continuando a energizar a rocha em sua pulseira. Quando a machadinha voltou a sua mão, ele já estava quase alcançando Gent.

Os dois continuaram sua fuga como se um demônio estivesse no seu encalço durante mais de uma hora, até eles já não ouvirem mais os barulhos dos seus perseguidores, mas sim um leve quebrar de ondas. Aaron segurou o braço do seu amigo e os dois pararam de correr, deixando-se cair no chão, para recuperar o fôlego.

— Caralho, isso foi assustador! Com certeza foi o momento que mais corri da minha vida. — Gent mal conseguia falar.

— Passamos perto, mas ainda bem que seu plano deu certo!

Os dois passaram mais algum tempo deitados, recuperando o fôlego, até que Aaron começou a se levantar.

— O único problema é que agora nós temos que encontrar os outros. Você tem alguma ideia?

— Não. Acredito que a oxigenação do meu cérebro não está tão boa no momento — Gent não fez nenhum tipo de menção de que iria se pôr de pé.

Aaron deu uma risadinha:

— Você sem ideias... realmente estamos fodidos. Vamos sair daqui. Segundo você, quanto mais perto do lago, mais competidores.

— É. O único problema é que nós não podemos exatamente nos esconder se queremos encontrar os outros.

— Tem razão. E ainda tem o garoto dos olhos sinistros. Ele pode ter nos ajudado, mas não sabemos quais são as suas verdadeiras intenções.

Gent fez um sinal de afirmação com a cabeça.

— Vamos procurar com cautela. Eles não podem estar muito longe daqui.

Mais uma vez, com a adrenalina tendo passado, Aaron começou a sentir o corte em sua perna latejar, fazendo-o mancar enquanto procuravam em silêncio por seus amigos, que pareciam ter desaparecido da ilha. Depois de algumas horas andando, pararam um pouco para descansar a pedido de Aaron.

— Eu estou me sentindo sortudo. – Gent estava estranhamente animado.

Aaron demorou um pouco até responder, olhando sério para o nada, como se estivesse absorto em seus pensamentos.

— Como assim?

— Geralmente eu sou o cara mais azarado do mundo. Já deveria ter me dado mal há muito tempo, mas eu continuo tendo sorte. Essa última agora, aquele fenric ter errado o bote e acertado a raiz da

árvore, dando tempo de você chegar... Aquilo foi pura sorte.

— Foi estranho, o fenric pareceu congelar por um momento, depois do ataque e quando o atingi, seu corpo pareceu mole demais, como se seus músculos estivessem relaxados... talvez tenha sido sorte mesmo. — Aaron parou, se levantando de onde estava sentado, sua voz com um tom preocupado. — Vamos, precisamos voltar a procurá-las.

— Relaxa. Aurea e Kvin não foram atacadas. Como eu disse, elas não podem estar tão longe assim, e uma batalha com aquelas duas no meio com certeza já teríamos ouvido. Descanse um pouco, no estado que estamos agora, não seríamos de muita ajuda. Eventualmente, nós vamos achá-las.

— Tem razão, mas eu estou sentindo uma urgência em achá-las, não sei explicar. E quero conversar com o garoto que nos ajudou, saber o motivo pelo qual ele fez aquilo.

— É. Esse altruísmo realmente é estranho.

— Você sabe quem ele é?

— Não, e isso me encuca. Alguém aparentemente poderoso como ele, portando armas de fogo e eu nunca ter ouvido nem falar... é estranho.

— O que são essas armas de fogo exatamente? — Apesar de ter sido criado como comum, Aaron tinha apenas ouvido falar de histórias sobre as armas de fogo, e nenhuma delas soava verdadeira.

— Elas eram usadas pelos comuns antes da queda do imperador. Porém, foram completamente banidas pela igreja. Os alto-sacerdotes destruíram tudo: armas, fábricas, projetos, tudo que fosse ligado a

elas... eram um meio dos comuns lutarem efetivamente contra os elementais, sabe? Hoje em dia são extremamente raras e, obviamente, proibidas.

– E como ele conseguiu entrar na prova com elas?

– Pelo que eu li nos livros que já vi sobre o assunto, aquelas armas de fogo não são como as de antigamente. As armas de fogo de antigamente disparavam a grandes velocidades pequenos projéteis, geralmente feitos de uma liga de metal. Esses projéteis quando atingiam uma pessoa podiam causar muitos danos, mas nunca atravessariam a pedra do jeito que os disparados dele atravessaram.

– Gent estava reflexivo.

– Eu ia comentar isso. Não sei como, mas eu senti que a arma funciona como um canalizador da energia gerada por ele. Mas a energia do garoto é diferente, não é como a energia que eu ou você temos, é mais intensa, mais destrutiva.

– Eu também senti... – Gent olhou para Aaron, dando de ombros como se dissesse que não tinha resposta para aquilo.

Os dois ficaram em silêncio por um tempo, absortos em seus pensamentos, até os dois decidirem que estava na hora de partir:

– Recuperado? – Aaron perguntou se levantando, pondo seu peso sobre a perna boa.

– Eu que tenho que te perguntar isso! – Gent falou, fingindo indignação. – Vamos nessa, vamos achá-las!

– Vamos continuar nossa procura. – Aaron não compartilhava o entusiasmo do seu amigo.

Mais uma vez passaram horas andando no entorno do lago sem sucesso. Eles não ousavam gritar, com medo de atrair atenção indesejada. Então, a única coisa que lhes restava era continuar sua caminhada. O Sol já havia se posto há muito tempo quando eles pararam mais uma vez para descansar. Os dois estavam exaustos. Fazia muito mais de vinte quatro horas que não dormiam e ainda por cima haviam passado a noite anterior e grande parte da manhã daquele dia correndo e batalhando para conseguir fugir, primeiro de Grymm e seu grupo e depois dos gnomos curupiras e fenrics. Após algum tempo de conversa, eles concordaram que seria melhor se dormissem um pouco, assim acordariam mais dispostos e atentos no outro dia para procurar por seus amigos. Gent se ofereceu para ficar com a primeira vigia, assim Aaron, que estava em pior estado, podia descansar mais um pouco.

QUEM AVISA AMIGO É

Aurea acordou vomitando e com uma forte dor de cabeça. Ela se sentia fraca e seu corpo doía, como se estivesse doente. Ainda era cedo e o Sol mal começara a subir no horizonte. Kvin e o garoto dos olhos negros, que agora ela sabia se chamar Morken, também não estavam se sentindo bem. Ambos tinham os mesmos sintomas: enjoo forte e uma terrível fraqueza no corpo. Por mais esforço que eles tivessem feito no dia anterior, não justificava o estado em que se encontravam. Aurea procurava entender o que estava acontecendo enquanto colocava bile para fora do seu estômago, em um ataque de vômito quase incessante. Quando conseguiu parar de vomitar por um momento, perguntou:

— Vocês estão bem? – Aurea ouviu uma risada baixa como resposta, diferente da de Kvin e Morken.

Ela se virou e viu Dryke Mirtar, em pé, com o macacão da escola aberto e sacado, de modo a ir só até a cintura, deixando o resto do tecido pendurado e o seu torso e braços esguios e completamente tatuados à mostra. Ele tinha um sorriso no seu rosto extremamente branco, enquanto acariciava uma enorme criatura de pelo avermelhado ao seu lado. A sua cabeça era quase do tamanho do corpo do seu dono.

— Olá! Não estão se sentindo muito bem, estão?

Aurea olhou ameaçadoramente para ele, mas não conseguiu dizer nada, a vontade de vomitar a impedindo de falar.

— É. Acho que vocês vão ter que me desculpar por isso. Eu mandei

um dos meus amiguinhos lhes fazer uma visita durante a noite. – Ele levantou a mão e uma pequena aranha, aparentemente comum, passou pelo seu braço até a sua mão e ele continuou a falar como um professor. – Esse é Oito, ele é uma aranha da espécie crati. Vocês provavelmente nunca ouviram falar dessa espécie porque ela foi, podemos dizer, desenvolvida pela minha família. São extremamente interessantes... – Ele parou de falar, como se esperasse que alguém fosse tirar uma dúvida – Vocês não vão me perguntar por quê?

Todos olharam para ele e Kvin conseguiu falar:

– Vai se foder.

– Ah, mas que pessoa agradável! Mesmo assim, vou lhes contar o que faz da Oito e da sua espécie, bichinhos tão interessantes. Eles podem regular a quantidade de toxina que colocam em seu veneno, podendo ser usado com vários objetivos diferentes, como matar, deixar sequelas ou apenas causar um grande mal estar, como é o caso de vocês. Além disso, sua picada é tão sutil que a vítima não chega nem a senti-la e seu veneno só começa a ter efeito cerca de uma hora depois de introduzido no organismo. Oito é a arma perfeita para ataques em que você não quer ser notado.

Em um movimento extremamente rápido, Dryke arremessou uma de suas facas escondidas, acertando a mão de Morken, que tentava chegar até suas armas sem que fosse notado. A faca atravessou as costas da mão até o cabo, se fincando no chão. Morken soltou um grito de dor, vendo sua mão presa ao chão e continuou gritando, como se a faca estivesse queimando sua pele.

– Vocês são péssimos ouvintes. Mas enfim, a aula acabou. – Dryke travou seus olhos em Aurea, seu semblante mudando repentinamente,

assumindo um tom predatório enquanto ele se aproximava da garota lentamente. Quando chegou ao seu lado, se acocorou, falando mais baixo. – Eu devia matá-la, aqui e agora, vingar minha irmã, honrar a minha família...

– Como... como assim? – Aurea estava genuinamente assustada, ela conhecia o clã Mirtar, até demais, e estava claro que Dryke a mataria sem pestanejar. Ele sacou uma de suas facas, a aproximando da garganta de Aurea, olhando para ela, seus olhos queimando com ira e dúvida, seus dentes cerrados. A garota estava indefesa, mesmo assim sustentou o olhar do assassino, esperando que ele desse o golpe final, mas ele continuou ali, uma lágrima começando a se formar em seus olhos.

– Eu não matei sua irmã, meu pai não matou sua irmã. Seu clã matou sua irmã...

– Eu sei disso, mesmo assim quero minha vingança... – Dryke moveu a adaga com rapidez, fazendo um corte no pescoço de Aurea, que pulou para trás, seus olhos vendo a morte de perto, até perceber que o ferimento era apenas superficial. Dryke se levantou, seu semblante voltando a assumir uma tranquilidade inquietante:

– Minha missão era matá-la, mas você não vale o risco... Não se iluda, terei o que quero. – Sua voz trazia uma certeza proporcionada apenas pelo luto.

Com tranquilidade, ele pegou as moedas de Aurea, que estava confusa demais para reagir, indo, em seguida, até Kvin que ainda tentou lutar, mas foi rapidamente nocauteada por Dryke. Ele continuou até Morken, que parecia estar em uma espécie de transe causado pela dor e pelo veneno, com sua mão ainda presa ao chão. Dryke o

virou e pegou suas moedas, jogando o cilindro de volta:

– Obrigado a todos, pelas moedas. – Ele se virou e começou a andar em direção a sua criatura gigante, mas parou no meio do caminho como se tivesse esquecido algo, voltando até onde estava Morken.

– Eu ia esquecendo disso... – Pegou sua faca de arremesso pelo cabo e a puxou, livrando-a da mão do garoto, que voltou a soltar gritos de dor. – Essa faca foi banhada em ácido de sapo vulcânico, não se preocupe, a dor passará logo, mas o ferimento vai ficar bem feio... – Ele parou novamente, olhando para seus inimigos derrotados, não demonstrando nenhum tipo de felicidade ou soberba, os encarando com uma estoicidade quase macabra. –... O efeito do veneno da Oito passará dentro de pouco tempo também... – Ele fez uma nova pausa, como se decidisse se deveria falar aquilo ou não. –... Eu sei que o desespero vai fazer vocês tentarem invadir o farol, mas eu não faria isso se fosse vocês, nosso grupo está lá e Kracht Marok é um psicopata que não hesitará em matá-los da pior forma que ele conseguir imaginar. Aquele garoto realmente acredita que você pertence a ele, Aurea... a Prova dos Elementos não vale tanto assim.

Quando terminou de falar, Dryke simplesmente se virou, voltando a caminhar até seu Zver como se nada tivesse acontecido, pulando com facilidade até a base do seu pescoço, onde ficou confortavelmente sentado. Sem que ele falasse nada, a besta partiu em direção ao lago, deixando Kvin e Aurea tentando se recuperar enquanto Morken ainda gritava de dor.

DE VOLTA À ESTACA ZERO

Aaron estava encostado em um tronco de árvore tentando não pegar no sono, com Gent deitado ao seu lado dormindo profundamente. Era seu turno de vigia, e por mais que tentasse se manter alerta, o cansaço e os ferimentos acumulados desde o primeiro dia de prova pesavam suas pálpebras, lhe levando para um sono conturbado com sonhos desconexos.

Ele estava novamente no barco de pesca de Jonas ao lado do corpo sem vida do seu pai, Aaron tentava falar alguma coisa, dizer mais uma vez que o amava, mas não conseguia, a angústia de tentar falar parecia lhe sufocar. Por mais que tentasse e se esforçasse, nenhum som saía de sua boca, seu corpo estava travado, seus olhos fixos no rosto de Jonas, que abriu a boca e os olhos, agora leitosos, cobertos pelo véu da morte, como se gritasse desesperado. No entanto apenas um grito baixo e distante chegava aos ouvidos de Aaron.

Ele acordou assustado e com lágrimas nos olhos, ainda escutando o estranho grito de dor. Reviver a morte de Jonas, ver seus olhos mortos enquanto gritava era perturbador. Aaron se levantou, tentando tirar aquilo da cabeça, mas o grito parecia fixado ali, persistindo, exatamente como no sonho. Demorou um pouco até perceber que o grito não fazia parte do sonho, mas da realidade. Ele acordou Gent imediatamente fazendo sinal para que se mantivesse em silêncio e escutasse.

Os dois começaram a correr com cautela em direção à fonte do som, e à medida que se aproximavam, os gritos ficavam mais nítidos.

Aceleraram o passo e quando não podiam estar a mais de vinte metros de quem quer que estivesse fazendo aquele barulho, Aaron segurou seu amigo pelo ombro e o empurrou para trás de uma árvore.

Eles sentiram a terra tremer enquanto a imensa criatura que pertencia a Dryke passava trotando, não muito distante, com seu dono quase deitado em seu torço, os braços cruzados atrás da cabeça. Os dois trocaram olhares preocupados, e assim que perderam o garoto tatuado e seu animal de estimação de vista, foram correndo para o lugar de onde ainda podiam ouvir alguns gritos.

Quando Aaron e Gent finalmente chegaram à fonte do barulho, puderam ver Morken deitado no chão, chorando de dor, enquanto Kvin e Aurea, em péssimo estado, tentavam ajudá-lo. Quanto mais perto chegavam, mais assustados ficavam. A cor parecia ter fugido completamente de todos os três. Seus rostos transmitiam um cansaço e uma fraqueza que impressionavam.

— O que aconteceu? – Os três olharam para Aaron sem muita emoção. Aurea o respondeu depois de algum tempo tentando juntar energia:

— Nós fomos atacados por Dryke... envenenados, na verdade.

— Calma, deita aqui. Vocês parecem muito mal. – Aaron ajudou Aurea a deitar enquanto Gent fazia o mesmo com Kvin. – Como assim envenenou vocês?

— Ele enviou uma aranha para nos picar durante a noite... – Aurea fazia longas pausas, recuperando as energias. – Nós acordamos passando muito mal, ele veio aqui e levou nossas moedas, tentamos resistir, mas... Deuses eu nunca me senti tão mal na minha vida.

Aaron sentiu a raiva subir à sua cabeça enquanto via Aurea lutando

para não vomitar. Foi a vez de Gent perguntar:

– Você conhece algum antídoto para esse veneno?

Aurea demorou mais uma vez para responder:

– Não... não de cabeça. – Aurea vomitou, os espasmos mal conseguiam tirar um pouco de bile do estomago da garota, mas ela voltou a falar assim que conseguiu. – Mas não importa, Dryke disse que o efeito do veneno passaria logo... não parecia estar mentindo.

Gent e Aaron não discutiram. Se não tinham solução, lhes restava confiar no que Dryke dissera, além disso, aquele não parecia o momento para questionar Morken sobre suas intenções, então decidiram ajudar seus amigos, e depois que estivessem em melhor estado poderiam conversar sobre tudo que acontecera desde a madrugada do dia anterior. Os dois foram até o garoto de olhos negros, que parecia em pior estado, o buraco em sua mão esquerda enegrecido pela queimadura causada pelo ácido, e o ajudaram a se deitar mais confortavelmente. Esperaram algum tempo, até que o três estivessem se sentindo bem o suficiente para andar e saíram dali a procura de um lugar que pudessem descansar com mais tranquilidade.

Depois de algum tempo andando, acharam uma grande pedra, que fazia uma espécie de caverna, sob um declive em uma área fechada de mata, onde as raízes das árvores ajudavam a esconder o lugar. Não era o ideal, mas teria que servir. Depois de se alojarem, Gent ficou de vigia, enquanto Aaron saía a procura de algo para comer e os outros três dormiam um sono conturbado. Quando Aaron voltou, trazendo consigo um esquilo-tartaruga e um pássaro grande, que ele nunca vira antes, o sol do quinto dia da Prova dos Elementos já

quase sumia no horizonte. Rapidamente, Aaron tratou os animais e Gent acionou a Gota. O cheiro de comida finalmente acordou os outros integrantes do grupo do seu sono.

Eles pareciam melhor, a cor tinha voltado para seus rostos e o enjoo diminuía até quase desaparecer, lhes deixando apenas com algo similar a uma forte ressaca. A única coisa que os preocupava era a mão de Morken, que continuava com um buraco enegrecido, mas eles não tinham tempo para procurar pelas plantas certas para fazer uma pasta ou unguento para a ferida, então só lhes restava cobrir o ferimento com um pedaço do macacão do próprio Morken. Quando os três acabaram de contar o que lhes acontecera, Aaron foi o primeiro a perguntar.

— Então, o que faremos?

— Nós perdemos as moedas... – Kvin constatou aquilo quase envergonhada, como se eles não tivessem o mais o que fazer, seu olhar fixado na comida que tinha em suas mãos, a temperatura baixando ao seu redor.

— Ei, podia ter acontecido conosco também, era algo impossível de se prever! Não podemos ficar nos lamentando, precisamos bolar um plano, ainda temos tempo... pelo menos umas dez horas até o dia amanhecer. O que me diz, Gent?

— Não consigo pensar em nada agora... dez horas para conseguirmos todas as moedas necessárias... é quase impossível. – Gent parecia deprimido, mal encostava na sua comida. Já Aurea estava estranhamente calada, retraída em um canto, seu olhar vidrado nas estrelas que agora iluminavam o céu.

– Eu devo desculpas a vocês, tentei ajudar, mas acabei piorando tudo... – Morken evitava olhar para os outros, seus olhos mirando o pedaço de ave que tinha nas mãos, sua voz carregada de culpa.

– Vamos pessoal, nós não podemos desistir agora! – Aaron era o único animado, tentando colocar o grupo para cima, disposto a deixar seus questionamentos a Morken para depois, afinal de contas, agora eles estavam todos no mesmo barco e seriam reprovados todos juntos se não tomassem uma atitude. Aaron podia não saber quais eram as reais intenções de Morken, mas estava claro que não queria prejudicá-los, pelo menos não ali na Prova dos Elementos.

– Nós temos que atacar o farol. É nossa única chance! – Aurea falou com raiva na voz, pegando todos de surpresa. – Eu sei que você tem um plano para invadi-lo, Gent. Desde quando foi anunciado que os cinco concorrentes que conseguissem terminar dentro do farol seriam aprovados, sua cabeça começou a bolar algo, mesmo que involuntariamente.

Gent refletiu por um tempo, antes de falar, não parecendo abalado pela raiva na voz de Aurea:

– O fato de eu ter um plano não significa que nós conseguiríamos invadir. Na verdade, está muito distante disso.

– Ela está certa. É a nossa única chance, nós temos que tentar. – Kvin recuperou seu ânimo, vislumbrando uma possibilidade de ainda serem aprovados.

– Vocês têm certeza? Vocês ouviram o que Dryke falou...? – Morken parecia preocupado com Aurea.

Aurea virou seu rosto para Morken, a raiva e a determinação na

deixando nenhum espaço para dúvidas:

– Mais um motivo para irmos, eu não tenho medo de Kracht, nem dos seus amigos. Ser aprovada expulsando-os do farol só tornará tudo ainda mais prazeroso.

Morken sorriu surpreso pela determinação de Aurea:

– Se você se sente confortável, então eu estou dentro.

– E sua mão? – Kvin perguntou levemente preocupada, olhando para o pedaço de tecido melado de sangue que cobria o ferimento.

– Nada que eu não consiga suportar...

– Vamos Gent, coloque seu medo de lado, nós precisamos de você agora! – Aaron se juntou aos outros, pressionando seu amigo, mas ele não parecia convencido.

– Não é que eu não queira, ou que esteja com medo... entendam, por favor. Com Dryke controlando a hidra e os outros dentro do farol, nossas chances são praticamente inexistentes.

– Como você sabe que ele está controlando a hidra? – Aaron perguntou ceticamente.

– Ele parecia ferido ou exausto? – Gent perguntou a Kvin e Aurea, ignorando Aaron, mas foi Morken quem respondeu:

– Não, nem um pouco.

Gent deu de ombros antes de responder:

– Então ele conseguiu controlá-la.

– Nós temos que tentar. – Aurea insistiu, o olhando como se o desafiasse contrariá-la.

– Tudo bem, podemos tentar, mas não digam que eu não avisei caso algum de nós acabe morto ou aleijado. Entretanto, antes de qualquer coisa, como sabemos que podemos confiar nele? – Gent apontou para Morken, que deixara de lado a comida e olhava para sua mão ferida.

– Ele só fez nos ajudar até agora, além do que, nós não temos mais nada a perder. – Kvin o respondeu como se ele estivesse falando algo óbvio. – É a nossa única opção, se ele nos sabotar, também será reprovado.

– Vocês se esqueceram da possibilidade do Exército Negro invadir a prova, tentar sequestrar... Vamos pessoal, sem querer ofender Morken, – Gent fez um gesto estranho e desconcertado como se pedisse desculpas ao garoto e continuou. – Mas não faz sentido nenhum. Ele surge do nada, no meio da noite, para nos ajudar e acaba realmente nos ajudando... é bom demais para ser verdade, e a única explicação lógica na minha cabeça é o Exército Negro!

Aaron respondeu, tomando a liderança para si naquele momento de crise. Se eles realmente queriam ser aprovados, teriam que confiar em Morken e se unir pelo propósito em comum que tinham:

– Se eles realmente vierem e eles são tão poderosos, não somos nós que vamos impedi-los de nos sequestrar. Além do mais, ele já teve inúmeras oportunidades de fazê-lo, no entanto ele está aqui, com um buraco na mão e sem nenhuma moeda.

Morken fez um sinal de afirmação com a cabeça, concordando com

o que ele dissera.

— Eu entendo a desconfiança, Gent... – Morken fez uma pausa, como se procurasse as palavras que queria usar. - ..., mas como Aaron disse, se quisesse prejudicá-los diretamente, eu poderia ter feito isso há muito tempo, inclusive, atacado o acampamento de vocês enquanto descansavam. Talvez você tenha razão e foi muita burrice minha ajudá-los, talvez eu conseguisse ser aprovado sozinho na Prova dos Elementos, mas a vida não termina quando isso aqui terminar, muito pelo contrário, ela só começa... – Morken fez um sinal de negação com a cabeça, como se tivesse vergonha do que estava prestes a dizer. – Se vocês soubessem de onde eu vim, vocês me entenderiam... Eu fui criado sozinho e não vou negar, tenho meus objetivos, mas desde que vi vocês no refeitório do navio, eu quis entrar para o grupo de vocês, quero dizer, vocês conversavam e se divertiam sem esforço, pareciam ser grandes amigos e apesar de serem filhos de quem são, tratavam bem todos a sua volta... quase tomei coragem de falar com você Aaron, no terraço naquele dia, mas estava com vergonha... eu sei, não é o melhor dos discursos mas é a verdade...

Morken deu de ombros ainda envergonhado, suas orelhas queimando.

— Vamos Gent, como Aaron disse, nós já não temos mais nada a perder! – Aurea falou, convencida pelas palavras de Morken. Seu sangue fervia querendo enfrentar Kracht.

UM ÚLTIMO PLANO PARA O ÚLTIMO DIA

Gent havia muitas horas estava sentado, sozinho, na reentrância formado pela rocha e pelas raízes, que tinha lhes servido de abrigo desde o ataque de Dryke. O gênio do grupo passara todo aquele tempo mexendo na Gota e fazendo anotações na terra úmida da floresta, parando ocasionalmente para tirar dúvidas sobre as capacidades reais de cada um dos integrantes do grupo em determinadas situações, até finalmente conseguir bolar um bom plano, o qual ele passou o resto da noite explicando e repassando para os outros. Quando finalmente se convenceu de que cada um sabia exatamente o que deveria fazer, a lua cheia já estava alta no horizonte, varando a madrugada e dando uma boa visibilidade da floresta.

Gent dividira o grupo em três, sendo um dos subgrupos formado por Aaron e Kvin, o outro por Morken e Aurea e o último apenas por Gent. O fato de o gênio do grupo ficar só preocupava Aaron. Apesar de sua participação no ataque ser só tática era a parte mais perigosa. Além disso, se ele fosse pego por um dos integrantes do bando de Kracht, não teria chance alguma em combate.

Faltavam duas horas para o amanhecer do sexto dia, marco do fim da Prova dos Elementos, e Aaron e Kvin estavam no limite da floresta, prontos para pôr o plano de Gent em prática, olhando para a praia de areia negra do lago, vendo a lua refletir no espelho formado pela água, procurando por qualquer sinal da hidra. O farol era uma construção simples. Uma grande torre cilíndrica de concreto, com doze metros de altura e um deck de madeira ao seu redor, com cinco

pontes do mesmo material levando até a costa.

Kracht e seu grupo haviam mudado a direção do raio de luz projetado pelo farol, direcionando-o para a praia do lago, de maneira a dificultar qualquer ataque surpresa. Isso, junto ao fato de só existirem cinco acessos possíveis, tornava um ataque surpresa quase impossível.

Aaron e Kvin eram os primeiros a agirem. A garota do norte deveria congelar o lago por completo. Com a superfície do lago congelada, o número de acessos para o farol se tornava infinito, dificultando em muito, prever de que lugar o ataque viria.

A temperatura extremamente baixa faria com que a maioria do bando adversário entrasse no farol para se proteger tanto do frio quanto do ataque iminente e, para completar, o gelo poderia matar a hidra sem que eles nem mesmo precisassem lutar pois, apesar de ser um animal absurdamente poderoso, ela ainda era um réptil de sangue frio e seu organismo não suportava temperaturas muito baixas. As chances de matarem a hidra congelada era muito remota e eles sabiam, mas a esperança dos garotos era que o frio a retardasse.

Quando o grupo inimigo estivesse todo dentro do farol e o lago completamente congelado, Gent começava a agir. O gênio confeccionara uma bomba com partes da Gota, e a plantaria no topo da construção sem que ninguém percebesse usando seu poder para flutuar até lá, como fizeram ao subir na árvore no primeiro dia de prova. A bomba não tinha força para destruir o prédio inteiro, mas era forte o suficiente para ferir e surpreender os seus inimigos, forçando-os a sair do farol, debilitados e confusos. Nesse momento, Aaron e os outros deveriam passar para o interior da estrutura, trocando de posição com os adversários, e aproveitando qualquer

oportunidade para atacá-los de surpresa. Se tudo desse certo, quando todo o pandemônio da explosão passasse, Aaron e seus amigos estariam dentro do farol, lutando contra um grupo ferido e defasado, só precisando defender sua posição por alguns minutos até o Sol nascer e eles serem aprovados.

Aaron e Kvin não perceberam nenhum movimento aparente na água, então se sentiram seguros o suficiente para dar início ao ataque. Assim que a luz do farol passou fazendo sua “ronda” circular nas margens do lago, eles abandonaram a proteção da borda da floresta e correram até a água. Kvin colocou as mãos sobre a superfície, que imediatamente começou a congelar. Os seus olhos emitindo um brilho pálido e ameaçador, ao mesmo tempo que partes da sua pele eram cobertas por uma fina camada de gelo branco.

Ela parecia uma das rainhas do norte, das histórias que seu pai costumava lhe contar quando pequeno, só que maior e mais bela, com seu rosto anguloso, quase élfico, os cabelos tão claros que pareciam feitos de platina e o imenso poder que emanava. Chegava a ser assustador.

A temperatura baixou assustadoramente em poucos segundos e Aaron conseguia ouvir os estalos da água do lago se solidificando já depois do farol, indo em direção a margem oposta. Ele estava atento a qualquer movimentação na água ou nas pontes mais perto deles, mas até aquele momento tudo parecia calmo. Calmo até demais. Passaram-se longos minutos até que Kvin se levantou e sacou seu arpão da bainha, imediatamente assumindo uma forma mais ameaçadora, sendo recoberto pelo gelo da garota.

— Está feito. O lago está completamente congelado, e o gelo deve ter

uns dois metros e meio de espessura. – Apesar de ela não estar mais usando seu poder sobre a água do lago, a temperatura continuava baixando.

– Nenhum sinal da hidra. Agora nós esperamos. – Aaron tomou a frente, olhando para a extensão do lago atentamente. – Você está vendo alguém ao redor do farol? – Aaron falava baixo.

– Não, não tem ninguém desse lado, mas ainda não vi ninguém entrando no farol.

– Você pode baixar mais a temperatura?

– Estou trabalhando nisso, não é assim instantâneo, mas já está bastante frio. – Kvin tinha uma concentração de ferro em sua voz, seu poder continuando a emanar.

– Eu sei disso, mal consigo ficar em pé sem tremer. – Aaron se havia acorçado para manter o calor do corpo. – Quão baixa está a temperatura?

– Aqui está algo perto de trinta graus celsius negativos... no farol está mais quente, por volta do menos quinze. Mas não se preocupe, ela vai continuar baixando.

O frio continuou a crescer à medida que o tempo passava, até atingir um nível insuportável para Aaron, que tentava se manter aquecido. Eles retornaram para a floresta no intuito de evitar serem vistos. Aaron já desistira de ficar de cócoras, procurando se mexer para manter o calor do corpo e quando estava prestes a pedir para a garota pelo menos estabilizar a temperatura, ela falou:

– Eu vi duas pessoas entrando no farol, acho que todos estão lá

dentro.

Aaron parou seus exercícios e os dois voltaram até a beira congelada do lago:

— Você está sentindo alguma vibração no gelo?

Em suas perguntas para bolar o plano, Gent, e, conseqüentemente os outros, haviam descoberto que Kvin conseguia identificar as menores mudanças de vibração no gelo, e, portanto, se havia alguém pisando nele ou não.

— Ainda não. Gent não começou a corrida, mas tem algo imenso começando a movimentar a água embaixo do gelo.

— Temos que nos apressar, já devem ter se passado uns quarenta minutos desde que começamos.

— Gent está no gelo! – Kvin apertou o arpão em suas mãos, assumindo uma posição de batalha.

Aaron a imitou, sacando a sua lança e esperando calado, a excitação da batalha iminente lhe invadindo, a sensação inebriante de poder e adrenalina querendo tomar conta da sua mente, mas ele precisava se controlar, aquela não era um luta simples e direta, precisava usar a cabeça, seguir o plano.

Depois de alguns momentos em silêncio, ela falou de novo:

— Aurea e Morken também!

Aurea e Morken não podiam sentir a vibração do gelo, e por isso ficaram exatamente entre Gent e Kvin. À direita de onde a garota do norte e Aaron estavam agora, assim, eles poderiam ver, quando

Gent desse início a sua parte do plano.

— Vamos! – Aaron tomou a frente, seu coração batendo forte no peito, sua mente se esvaziando de todas as preocupações ao seu redor.

Os dois saíram em disparada na superfície congelada do lago. Era uma corrida de mais ou menos cem metros sobre um terreno acidentado e escorregadio, só com a luz da lua cheia iluminando o caminho, o que dificultava a velocidade. Kvin se movimentava com agilidade e facilidade, sem sequer olhar para o chão de gelo. Ela parecia saber onde estava cada obstáculo.

— Ninguém saiu do farol ainda. Gent já deve estar perto! – Kvin mantinha Aaron informado, lhe seguindo a poucos passos de distância sem muito esforço.

Aaron progredia com mais dificuldade, tendo que manter seus olhos o tempo todo no chão a sua frente. Se não fosse por sua velocidade superior, ele já teria ficado para trás há muito tempo.

— Merda!

— O que foi?

— Blob saiu do farol e está vindo pela ponte, acho que viram algo!

Aaron tentou olhar ao redor, para as duas pontes que os cercavam, mas não conseguiu encontrar ninguém, e mesmo ele não tendo uma visão privilegiada ou a habilidade de conseguir sentir as vibrações no gelo, não tinha como ele não enxergar o enorme garoto que bulinara Gent enquanto procuravam um quarto no navio.

— Qual ponte? Eu não estou vendo.

— Do outro lado! O farol está na frente.

Eles apertaram o passo pois se Blob visse Gent antes que ele chegasse ao farol, o plano deles estaria arruinado.

— Você acha que ele viu Aurea e Morken ou viu Gent?

— Gent está no farol, eu não estou mais sentindo ele no gelo.

Aaron não podia ver nada disso acontecendo, pois tudo ocorria do outro lado da construção, e esta bloqueava a sua visão. Ele só podia acreditar no que Kvin estava dizendo e continuar correndo.

— E Dryke?

— Também!

— Porra! E o que está acontecendo?

— Eu não sei! Eu só sei que eles não estão mais no gelo ou na ponte, o que só pode significar que eles estão na estrutura de concreto do farol porque a vibração que ela emite para o gelo aumentou, mas eu não sei onde eles estão exatamente.

O filho do Lobo não pensou duas vezes. Usou sua força para impulsioná-lo e tentar cobrir a distância que faltava entre ele e o farol, que não era tão grande. Aaron ainda conseguiu ver quando Blob puxou Gent pelo pé, o impedindo de voar para longe da explosão iminente, o arremessando contra o chão do teto do farol, antes do topo da construção ser mandada pelos ares. O deslocamento de ar impediu que Aaron continuasse a sua trajetória, o empurrando para longe do prédio, junto com uma quantidade enorme de escombros.

Aaron viu um corpo ser arremessado para fora da explosão, e enquanto tentava reconhecer a quem pertencia aquele corpo, e rezava sem muita esperança para que não pertencesse a Gent, ele foi atingido na costela por um dos destroços do farol, deixando um corte feio. Aaron atingiu o chão de gelo com força, deslizando para longe do farol. Aaron ignorou a dor, tentando se levantar assim que atingiu a superfície do lago, cambaleando algumas vezes antes de conseguir firmar seus pés para correr até onde Gent havia aterrissado. Aaron o reconheceu logo antes de ser atingido pelo pedaço de concreto.

Kvin parara sua marcha para o farol e agora corria em sua direção, mas ele começou a gritar com o pouco fôlego que tinha e a apontar para onde estava Gent. Fora o fato de Gent ter sido pego no meio da explosão e isso ter obrigado Aaron e Kvin a mudarem sua rota, o plano correria como planejado. Kracht e seu grupo estavam do lado de fora do farol, em uma das pontes, e olhavam assustados e alguns até feridos, tentando entender o que causara tudo aquilo enquanto Aurea e Morken haviam conseguido passar despercebidos pelo lado oposto e agora estavam no deck de madeira que circulava a construção.

Mas a situação era pior do que Aaron imaginara. Kvin chegara a Gent primeiro e tentava fazer uma mistura desesperada de massagem cardíaca com respiração boca a boca e Aaron só pôde entender o motivo de tanto desespero quando chegou perto dos dois.

Gent estava deitado com as costas para baixo e o rosto desacordado virado para o lado direito. Praticamente toda a parte superior do seu uniforme da escola desaparecera, consumido pelo fogo. O pior, no entanto, era o que a falta do macacão revelava. Os peitos do garoto, que haviam lhe rendido seu apelido na escola, praticamente não

existiam mais. Eles haviam sido substituídos por uma queimadura que chegava a mostrar partes da sua costela, e no lugar onde deveriam estar os braços, simplesmente não havia nada.

A força da explosão destruíra seus braços, que ele, provavelmente, usara para proteger o seu rosto. O sacrifício salvara sua vida, pois se ele não o houvesse feito teria sido sua cabeça a ser desintegrada, já que mesmo com a proteção o seu olho direito sofrera uma queimadura grave.

Aaron via tudo aquilo com a visão escura e a respiração pesada, tentando raciocinar um jeito de salvá-lo:

— Nós temos que levá-lo até Aurea, é o único jeito. Só devem faltar vinte minutos até o Sol nascer, a ajuda não vai conseguir chegar antes disso!!!

Kvin se levantou com seus olhos emitindo um brilho ainda maior e mais ameaçador, dando uma luz sinistra ao seu rosto já pálido e parcialmente coberto pela fina camada de gelo branco.

— Você o leva. E se assegure de que ele vai ficar bem! – Ela passou andando por Aaron, em direção à floresta, girando seu arpão que parecia ter ganhado ainda mais símbolos e poder.

— Para onde vo...

Antes que o garoto pudesse acabar sua frase, a superfície de gelo explodiu em milhões de pedaços não muito distante e várias cabeças reptilianas surgiram da cratera criada. Primeiramente, ele pensou que se tratava de várias serpentes aquáticas, mas as cabeças foram seguidas por um único e enorme tronco, com patas dianteiras assustadoras tentando se segurar ao gelo que cedia sob seu peso. As

cabeças estavam todas conectadas ao imenso corpo, e procuravam freneticamente por um alvo, até fixar seus sete pares de olhos na garota do norte, que brandava seu arpão em desafio.

A criatura deveria ter cerca de vinte e cinco metros de altura, com seus longos pescoços esticados, e várias toneladas. Seu corpo era inteiramente recoberto por escamas verde musgo que aparentavam ser tão resistentes quanto metal, e sua calda era tão longa quanto seus pescoços e grossa como as árvores da floresta.

Uma fileira de grandes espinhos ligados por membranas acompanhava a trajetória da sua coluna, indo da ponta do rabo até a base dos pescoços onde se dividia em sete, perdendo a membrana e indo até o topo das várias cabeças. No meio das suas costas, onde os espinhos chegavam ao seu auge de tamanho, eles deveriam chegar aos quatro metros.

As cabeças eram todas iguais, e se pareciam mais com a de um dragão do que propriamente a de uma cobra, sendo mais robustas e de aparência poderosa. Ela possuía um grosso chifre ficando no queixo de cada cabeça, e seus dentes eram tão grandes quanto o antebraço de Aaron.

Assim que os ameaçadores olhos amarelos da criatura encontraram os de Kvin, todas as suas cabeças emitiram um rosnado de desafio ensurdecedor.

Kvin soltou um grito ensandecido, completamente dominada pelo calor da batalha. Quando a besta colocou a enorme pata no gelo, para tentar se erguer sobre ele mais uma vez, Kvin fez nascer uma enorme estaca de água congelada, varando sua pata e a fazendo rosnar de dor.

A hidra levou a estaca de gelo, junto com o membro ferido para o fundo do lago novamente, enquanto suas cabeças começavam o ataque. A primeira atingiu o chão ao lado de Kvin, que partiu em disparada contra o corpo da criatura. O ataque da segunda cabeça ela conseguiu desviar com um movimento para o lado, uma nova estaca de gelo surgindo e a prendendo a superfície do lago. Os movimentos do réptil pareciam letárgicos para um animal como aquele. O frio estava fazendo efeito.

A terceira não teve tempo de atacar pois a garota já estava pulando da borda do gelo para o corpo da temida criatura, segurando o seu arpão com as duas mãos para fincá-lo o mais fundo que conseguisse no duro couro do animal.

— VOCÊ É MINHA!!!